

A IN(VISIBILIDADE) DOS CORPOS INSANOS

CRISTIANE MOURA LOPES / UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

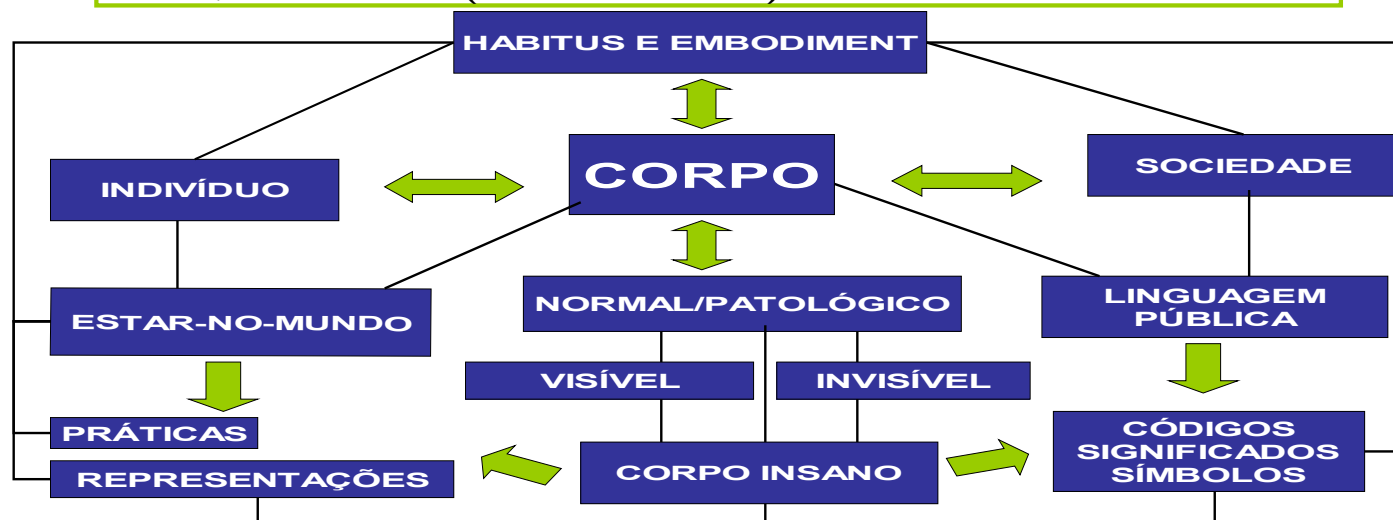
“Nunca se viu um cuerpo: se ven hombres y mujeres.” (LE BRETON, 2002)

OBJETO E OBJETIVOS: A investigação inscreve-se numa leitura da corporalidade que põe acento no modo em que os pacientes se utilizam de seus corpos, no espaço do internamento, para estabelecerem vínculos sociais entre si. A especificidade desta consiste em pensar o corpo enquanto uma linguagem pública, social. Nossa hipótese, é que através do corpo, de sua expressão enquanto linguagem, é que se definem, a priori, os critérios de aproximação e afastamento entre os doentes mentais. Nosso objetivo, portanto, é identificar quais são os códigos, símbolos e significados presentes nessa corporalidade que definem os critérios de identificação, associação, aproximação e afastamento entre os internos.

METODOLOGIA: Elegeram-se como método a etnografia através da observação participante e como espaço de trabalho um Hospital Psiquiátrico – modelo de uma Instituição Total. Para nós, o que importa não é o simples movimento mecânico dos corpos (VISÍVEL), mas o significado que estes têm para o grupo (INVISÍVEL).

RESULTADOS E CONCLUSÕES: Convergindo com a problemática delineada cabe explicitar algumas escolhas epistemológicas que fluíram rumo a articulação de duas vertentes importantes na interpretação sobre o corpo: a noção de embodiment — “encarnação”, noção de habitus — corpo socializado; são essas noções que norteiam nossa discussão. Chegando ao Hospital Psiquiátrico pela primeira vez, não tive nenhuma dúvida de que as pessoas que estavam ao meu redor eram os pacientes e não a equipe que trabalha no local. Qual a relevância deste dado para o nosso estudo? Primeiro, deixa claro que o reconhecimento de classes, grupos e indivíduos nos é anterior a qualquer objetivação, ou seja, é pré-reflexivo – o que pode ser comprovado pelo fato de que não precisei ver nenhum exame clínico para constatar que eram os internos do hospital que estavam diante de mim. Este dado, me possibilitou perceber que o problema mental não está somente inscrito *dentro* do cérebro do paciente ou de alguma área biológica específica, mas também *fora*, ou melhor, no seu próprio corpo; neste caso um “corpo insano” – corpo que foi socialmente construído, bem como a doença (neste caso mental) que também é uma construção social. Eis o ponto central do nosso estudo, diga-se em andamento.

ESQUEMA: A IN(VISIBILIDADE) DOS CORPOS INSANOS



BOURDIEU, P. 1991. "La creencia e el cuerpo". In: Pierre Bourdieu. El sentido Práctico. Madrid: Taurus. 2006. "O camponês e seu corpo". Revista de Sociologia e Política, 26. Curitiba.

CSORDAS, T. 1994. "Palavras dos seres sagrados". In: Thomas Csordas. Embodiment and experience. The existential ground of culture and self. Cambridge University Press.

FERREIRA, J. 1995. "Semiologia do Corpo". In: Ondina Fachel Leal. Corpo e Significado. Ensaios de Antropologia Social. Porto Alegre: Ed. Da UFRGS.

GOFFMAN, E. 1988. Internados: ensayos sobre la situación social de los enfermos mentales. Buenos Aires: Amorrortu.

LE BRETON, D. 2002. "Cuerpo y Sociología. Las etapas". In: David Le Breton. La Sociología Del Cuerpo. Buenos Aires: Nueva Visión.

MAUSS, M. 2003. As técnicas do corpo. In: M Mauss. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Cosac & Naify.

MERLEAU-PONTY, M. 1999. "O Corpo". In: Maurice Merleau Ponty. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes.

WACQUANT, L. 2006. "Seguindo Pierre Bourdieu no Campo". Revista de Sociologia e Política, 26. Curitiba.